General de Divisão
Eudoro Corrêa

Elber de Melo Henriques
(Do IGHMB e do IHGB)

Na revista "Pátria" do Colégio Militar do Ceará, do ano de 1936, o coronel Alves Távora afirma que por iniciativa do Dr. Frederico Borges o referido estabelecimento militar de ensino foi criado pelo Decreto número 13.451, de 29 de janeiro de 1919. Pouco depois, a 1 de junho do mesmo ano, iniciou suas atividades, sendo esta data, 1 de junho, considerada a da fundação.

Seus dois primeiros comandantes foram os Tenentes Coronéis Marciano de Oliveira e Ávila e Salvador Barbalho Uchôa Cavalcanti.

No dia 1 de setembro de 1923 assumiu a direção do Colégio como seu terceiro comandante, e, também, o antepenúltimo, o então Tenente Coronel Eudoro Corrêa. Permaneceu à frente do Colégio por 13 anos, deixando-o a 24 de dezembro de 1936.

Dois anos após, em 1 de dezembro de 1938 o CMC foi extinto por ato do ministro Eurico Gaspar Dutra.

Em toda minha vida militar de 42 anos, iniciada em 1930 e encerrada em 1972, não conheci um só comandante que tenha deixado na memória de seus subordinados tão duradoura recordação. Estamos, neste momento, confirmando a constância dessa saudade.

– Quem foi Eudoro Corrêa?

– Nasceu no Rio Grande do Sul a 23 de dezembro de 1869, há 118 anos, quando nas fronteiras meridionais ainda se desenrolava o drama sangrento da guerra paraguaia e 30 anos antes da Proclamação da República.

Aos 18 anos verificou praça, voluntariamente, no 13º Batalhão de Infantaria, com destino à Escola Militar do Rio Grande do Sul.

Em 1889 foi reconhecido cadete de segunda classe e transferido para a Escola Militar do Ceará. Parecia uma predestinação. A primeira transferência do jovem gaúcho foi para uma Província da qual nunca

mais se desligaria. Lá iria casar, criar os filhos e, finalmente, morrer em avançadíssima idade.

Em 1890 foi transferido para a Escola Militar da Capital Federal e, no ano seguinte, retornou para a Escola Militar do Rio Grande do Sul.

Suponho, por tais antecedentes, ter sido ele um dos raros oficiais, senão o único, a cursar as 3 Escolas de formação de oficiais do Exército: do Rio Grande do Sul, do Ceará e do Rio de Janeiro.

Em 8 de outubro de 1890 foi promovido a segundo tenente da Arma de Artilharia.

Dois fatos na vida de Eudoro Corrêa chamam a atenção: a constante preferência pelo Ceará e as numerosas licenças para tratamento da saúde. A preferência pode ser explicada buscando-se motivos familiares: conheceu, namorou, noivou e casou com uma cearense. Quanto à saúde é um mistério: certa vez, com licença médica, passou 230 dias corridos do ano de 1900, em Fortaleza. Por que conseguiu, então, atingir tão avançada idade?

Em 1903 concluiu o curso de Estado Maior e Engenharia Militar e recebeu o grau de Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas. Era a influência da doutrina positivista na vida republicana e castrense.

Apesar de ter concluído o curso de Engenharia Militar, somente uma vez, quando jovem oficial, serviu em unidade de Engenharia, o 1º Batalhão.

Em 1908 retornou ao Ceará e, no ano seguinte, casou com Esther de Magalhães Brígido, tendo desse consórcio dois filhos: Ary Hugo e Esther, conhecida entre os familiares como Estherzinha.

Em 1911 foi posto à disposição do Governo do Estado de Pernambuco para exercer a função de Prefeito do Recife. Permaneceu no cargo até 1914 quando foi transferido para Curitiba a fim de servir no 2º Regimento de Artilharia Montada. Consta de sua Fé de Ofício que, ao chegar à capital do Paraná, conseguiu um habeas-corpus do Supremo Tribunal Federal e regressou a Recife, reassumindo a Prefeitura. Não consegui um só documento que esclarecesse as razões desse habeas-corpus.

Em 1915 deixou o cargo de Prefeito e exerceu a função de membro de uma Junta de Revisão e Sorteio Militar em Fortaleza. Voltou a Recife mas foi logo nomeado para fazer o serviço de reconhecimento estatístico do Estado do Ceará. Sempre o Ceará.

Em 1917, por ordem superior, escolheu uma área na cidade de Natal e nela organizou, instalou e assumiu o comando de uma Bateria de Artilharia.

Em 1918 foi graduado no posto de major e nomeado Chefe do Serviço de Recrutamento da 6ª Circunscrição em Fortaleza. Terminada essa tarefa foi transferido para o 3º Regimento de Artilharia Montada em Recife, mas no mês seguinte retornou ao Ceará para chefiar a 5ª Circunscrição de Recrutamento.

Posteriormente exerceu as funções de comandante do Forte de Óbidos, no Pará e na Diretoria de Administração do Exército no Rio de Janeiro. Em 1922 chefiou o Estado Maior da 7ª Região Militar, em Belém, e, em seguida, desempenhou a mesma função na 6ª Região, em Recife.

No dia 30 de agosto de 1923 foi nomeado Comandante do Colégio Militar do Ceará, assumindo no dia 15 do mesmo mês e ano.

Em 22 de julho de 1924 foi promovido a coronel, passou para a Reserva no posto de general de Brigada, continuando no comando do Colégio. Na inatividade foi a Divisão.

Em 24 de dezembro de 1936 foi exonerado.

Faleceu em 10 de agosto de 1961(*).

Foram esses os dados que retirei de sua Fé de Ofício.

Agora vou dar meu depoimento:

– Conheci o general Eudoro em 1930. Nessa época o CMC se resumia a um quadrado edificado. No centro era um areial. Colégio afamado pelo rigor curricular, pela disciplina de seus alunos e pelo garbo dos uniformes. Matriculado, fui por ele chamado para uma inspeção na farda garance que envergava pela primeira vez. Verifiquei que era de baixa estatura, cabelos brancos cortados à escovinha, rosto rosado, olhos azuis, semblante severo. Usava o uniforme cáqui, gola fechada e bordada, colarinho branco, perneiras duras e pretas. Inspirava respeito. Risonho, fez-me algumas observações sobre o uso e cuidado com o uniforme.

Em 3 de outubro de 1930 fomos acordados de madrugada ouvindo o toque do general comandante. Havia rebentado, como se dizia, a revolução de 30, que empolgou o Brasil inteiro, ansioso por melhores dias. Vi, então, o general Eudoro quase sozinho em seu Gabinete, enérgico e sereno a expedir ordens. A oficialidade, com seu conhecimento ou não, jamais soube, tinha abandonado o Colégio para se incorporar ao 23º BC que, em Sousa, fuzilara seu comandante, o coronel Angelo. Entre os sublevados estava o próprio filho do general, o tenente Ary Hugo Corrêa.

Durante os dias subseqüentes, ele encarnou na capital cearense o espírito da ordem, sendo procurado e ouvido por todas as autorida-

des civis e militares. Com a vitória da Revolução permaneceu no Comando.

Posteriormente observei que na repressão a qualquer indisciplina era, inicialmente, enérgico, para logo depois abrandar, tornando-se paternal e benevolente. Tinha o mesmo procedimento para com os claudicantes nos estudos.

Muitos anos depois tirei uma ilação psicológica: nos pródomos de sua vida militar ele também cometeu rebeldias e foi aluno mediano. Nas Escolas Militares sofreu três punições:

- desobediência acintosa às ordens do Cmt;
- por ter faltado a uma revista à noite, durante uma "incerta"; e
- portar-se de modo inconveniente, sendo reincidente nessa falta.

Além disso foi reprovado em Aritmética, ficando para exames de 2ª época.

O general Eudoro assumiu o Comando do Colégio quando lavrava uma crise entre estudantes e professores. Os professores (com as devidas exceções) sabiam que se o Colégio fosse fechado por falta de alunos, o Regulamento dava-lhes o Direito de transferência automática para o Colégio Militar do Rio de Janeiro, capital da República. Assim acontecera com o Colégio de Barbacena e assim eles queriam fazer no Ceará. O meio, a exemplo do que fôra feito em Barbacena, seria a reprovação em massa, tanto nos exames de admissão como nos anos já em desenvolvimento.

Convencido da criminosa artimanha, Eudoro Corrêa passou a ser rigoroso na fiscalização do texto das provas escritas, e sempre estava presente nas provas orais. Dessa maneira frustrou o plano sinistro, mas criou grande número de desafetos que, pouco a pouco foi solapando seu prestígio no Ministério da Guerra, até conseguirem a concordância do general Eurico Gaspar Dutra.

Durante seu comando evitou o desligamento de vários alunos por falta de pagamento. O general Eudoro assumia a mensalidade, retirando-a do próprio bolso. Um desses beneficiados confessou isso publicamente há alguns anos, quando nos reunimos na Churrascaria Recreio, em Laranjeiras. Com a voz embargada e os olhos em lágrimas, o General e Ministro Afonso de Albuquerque Lima proclamou seu eterno reconhecimento.

Minha turma reclamou e ele anulou uma prova de Física com perguntas que somente Deus e o professor sabiam as respostas.

No carnaval de 1936 alguns alunos de minha turma pediram ao general permissão para organizar um bloco de foliões. Ele se entu-

siasmou e mandou construir sobre um caminhão um tanque de guerra armado com um canhão que atirava bombons sobre a multidão. Desgraçadamente um outro caminhão conduzindo marafonas emparelhou com o nosso e houve uma grande confraternização. Muitos dos "bombardeiros da folia", como era chamado o nosso bloco, passaram para a outra viatura e vice-versa.

Furioso, o general fez recolher todos os "bombardeiros da folia" ao xadrez e, assim, terminou entre grades o nosso Carnaval. Os gritos de alegria dos arlequins foi substituído pelas lágrimas solitárias dos pierrots...

Em 1952 estive alguns dias em Fortaleza e, obedecendo a um ritual seguido pela quase totalidade dos ex-alunos, fui visitá-lo em sua residência na Aldeota. Recebeu-me afavelmente e se mostrou grato ao saber que meu único objetivo era o de revê-lo, relembrando que me tinha prendido mais de dez vezes. Fiquei calado e emocionado, recordando aquelas manhãs, tardes e noites naquele Colégio tão amado. Perguntei como estava de saúde e ele me respondeu que ia bem com os naturais achaques da velhice. Observei quando se levantou para pedir qualquer cousa à empregada, que aquele ereto e marcial comandante de outros tempos estava com as costas muito recurvadas. Revelou-me sua mais recente atividade intelectual: fazia cálculos para saber a velocidade de impacto de uma passageira americana que, ao se abrir uma porta de emergência do avião, caíra no litoral da Bahia (velocidade da aeronave, direção e intensidade dos ventos, altura da queda etc.).

Dei por terminada minha visita. Foi a derradeira vez que o vi. Como se dizia antigamente no Exército, sua figura foi aos poucos desaparecendo no horizonte, até que a notícia de seu falecimento chegou, despertando profunda tristeza. Os telefonemas cruzados e intensos de todos os alunos que cursaram o Colégio Militar do Ceará, comunicando entre si a infausta notícia, a todos nos reuniu pela última vez.

Eis um esboço da vida desse grande Chefe que nunca foi esquecido por seus comandados. Este retrato ficará aqui a lembrar às gerações atuais e futuras a imagem de um Comandante que iluminou com o seu exemplo centenas de brasileiros.

(*) Em um de seus requerimentos, datado de 1954, está registrado um Parecer médico dando os números de suas doenças em código. Abaixo escreveram a lápis: arteroesclerose e senilidade.